

PROBLEMAS DE TURISMO DEBATIDOS NA ALDEIA DAS AÇOTEIAS

Em mesa redonda, reuniram-se no dia 16, na Aldeia das Açoteias, hoteleiros, representantes da imprensa, e de agências de viagens, para debaterem problemas de turismo.
No próximo número daremos pormenores.

ANO XX (Preço avulso 1\$50) N.º 498
19 • SETEMBRO • 1972

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Rua do Município, 12
Telefone 22319 FARO

DIRECTOR,
EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telefone 62536 LOULÉ

Resposta a um leigo

Defendamos os interesses de Loulé

Com o pedido de publicação recebemos do sr. João Mendonça Romão a carta que a seguir publicamos. Discordamos do seu conteúdo mas não temos nenhum receio que sejam conhecidas as razões (?) porque se combate a instalação de uma fábrica de cimento no Algarve.

O sr. Mendonça Romão tem árvores em Vale Judeu e é Regente Agrícola e nesta qualidade quer convencer os seus vizinhos que ficarão arruinados quando a CISUL começar a produzir cimento.

As fábricas de cimento expõem pó de pedra e as existentes em Portugal não têm ainda sistema anti-poliuição. Apesar disso o sr. Romão poderá apontar-nos (cite nomes de fábricas com dezenas de anos) áreas onde exis-

ta esse «espectáculo cinzento de morte e aridez desértica»?

Não estará a pintar o quadro negro demais?

O exagero é sempre desconcertante.

Em vez de criticar uma nova e das 2 ou 3 mais modernas fábricas de cimento do Mundo, porque não colhe elementos das já existentes há tantos anos?

Ou a experiência já não conta?

Sabe, sr. Romão, estamos admirados de a população de Setúbal ainda não ter morrido toda por causa dos «gases» da Secil. Sabe que a de Alhambra está dentro da povoação e as pessoas vivem lá?

Como o sr. não é leigo pode dizer-nos porquê?

★

Respondo ao sr. R. P. a quem a população de Loulé, não passou procuração ou voto de confiança, mas que mesmo assim se permite arvorar em paladino, na defesa dos interesses que não são os dela e de um progresso que não

a beneficia.

Seríamos complacentes com tal escrito ou outros, se não fosse a circunstância de, além das graves afirmações à dignidade e honestidade de pessoas que outro ideal não têm que o trabalho e a luta constante pelo progresso das suas terras, o mesmo é dizer da Nação, o sr. R. P. não ofendesse, provocasse e ridicularizasse.

O sr. R. P. fez bem em levantar este tão magno e actual problema, que justamente preocupa a todos os que, no Algarve, não são leigos e se refere precisamente à CISUL — Companhia Industrial de Cimentos do Sul sarl.

As populações podem ser melhor esclarecidas através dos diversos sectores competentes, nunca com as magníficas entrevistas do Director da CISUL, nem pelas mais variadas formas de anúncio que tem publicado.

É a Comissão Nacional do Ambiente que devemos dar crédito. Nomeada pelo Governo e constituída por técnicos altamente qua-

(Continuação na 2.ª página)

Em FARO vai ser construída a central leiteira

Na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, com a presença de várias individualidades, decorreu uma reunião com os representantes dos órgãos de informação, presidida pelo sr. dr. Manuel Elias Trigo Pereira, deputado pelo Algarve, director-geral dos Serviços de Pecuaría e presidente das Cooperativas dos Produtores de Leite do Algarve. Finalidade da reunião: uma comunicação sobre a Central Leiteira, que vai ser construída em Faro.

As instalações da moderna Central, que será edificada no Sítio do Escuro, à entrada da cidade,

(Continua na 5.ª página)

No Atlético

ACONTECEU TEATRO

Logo à entrada cartazes anunciavam: «Aqui acontecerá Teatro». E, realmente, aconteceu Teatro, na noite do dia 13 passado, na sede do Sporting Clube Atlético.

Pode dizer-se que foi uma noite apoteótica, posto que foram suplantadas todas as anteriores realizações. Apesar de não ter sido possível representar «O Avejão» de Raul Brandão (forças contrárias à vontade dos componentes da Secção Desportiva e Cultural do Atlético não o permitiram), uma outra peça deste autor («O Doido e a Morte») fez empolgar mais de centena e meia de pessoas que enchiam totalmente a sala onde se realizou a representação.

Esta última peça foi representada recentemente em Lagos e Vila Real de Santo António, de forma integral. Tal não foi possível concretizar em Loulé, o que bastante admiração causou aos espectadores que conheciam a obra escrita por Raul Brandão, já

Campanha pró-piscina

Quase 1500 contos! Vamos continuar!

Com a publicação desta pequena lista de novos aderentes à construção da Piscina de Loulé, aproximamo-nos dos 1500 contos.

É evidente que publicarmos hoje tão poucos nomes poderá denunciar uma quebra de entusiasmo pela ideia que em tão boa hora lançámos nas colunas deste jornal. Porém, talvez não

seja bem assim. O que aconteceu, simplesmente, é que já sabemos agora que podemos contar com o apoio de cerca de 300 pessoas que aderiram incondicionalmente à iniciativa, puramente por haverem reconhecido tratar-se de uma ideia que pode contribuir extraordinariamente para o progresso de Loulé.

São portanto 300 pessoas que desejam ajudar o progresso local através de uma realização de indiscutível utilidade e que pode ter largas repercussões no futuro da nossa terra.

Claro que 1500 contos ainda não chegam para construir uma piscina com o nível que o Algarve precisa. E precisa porque ainda a não possui, apesar de ser uma região essencialmente marítima, e onde todas as pessoas deveriam saber nadar.

... E para saber nadar é preciso aprender... dentro de água! E que melhor do que uma piscina para aprender a nadar, sem o perigo inerente à inconstância do mar?

(Continuação na 4.ª página)

(Continuação na 4.ª página)

Quarteira precisa de árvores flores e arbustos

É esta a opinião de muitas pessoas que nos felicitam por, no último número deste jornal, termos debatido problemas cuja não solução está travando o progresso da nossa praia.

Para a construção das novas avenidas nem sequer há falta de verba. Parece que há apenas burocracia a mais.

E para que haja árvores, flores e arbustos, será apenas falta de iniciativa?

Olhamos para aquelas pedras desnudadas e pensamos: «porque não se procura desenvolver, ali, arbustos adequados às condições do terreno?»

Falta em Quarteira qualquer coisa? (Continuação na 8.ª página)

NOVO BISPO DO ALGARVE



D. Florentino na Sé Catedral de Faro

No passado dia 10 deste mês, os católicos algarvios receberam com elevadas manifestações de júbilo e respeito, o novo Bispo do Algarve, D. Florentino de Andrade e Silva.

Uma entusiástica recepção aguardava o novo Prelado à entrada da provincia algarvia (Vas-

cão); depois, à passagem por S. Brás, D. Florentino presenciou a alegria de todos os que o aguardavam; finalmente, em Faro, um imponente cortejo levou Sua Excelência desde a Misericórdia até à Sé Catedral, onde decorreram

(Continuação na 4.ª página)

Em LOULÉ

Rua Winston Churchill, porquê?

Interrogam-se os moradores; as pessoas não sabem pronunciar nem escrever o nome do encharutado personagem inglês; as reclamações aumentam dia a dia — e tudo porque, em Loulé, ainda não se verificou o gesto justo e corajoso (e até lógico) de apagar o nome Winston Churchill (que nunca fez nada por Loulé nem sequer por Portugal) para em seu lugar colocar o de qualquer conhecido (ou desconhecido) filho da nossa terra nessa rua habitada apenas por louleianos, e não por ingleses.

Não seria mais lógico que passasse a chamar-se Rua Embaixador Manuel Rocheta?

A Câmara Municipal vai agir?...

NOTA QUINZENAL

QUANDO se falou de flores nas páginas do último número do nosso jornal, desejou-se que «o culto da flor» fosse «uma realidade nesta terra de sol e clima ameno». E, não passava por aqui, cremos, qualquer forma de panteísmo, mas apenas o amor que muitos, mesmo que fazendo literatura, dedicam aos «bonitos sorrisos da natureza» — as estimáveis flores.

CONTUDO, «um leitor» — procurando talvez fazer espírito (!) — escreveu para a redacção de «A Voz de Loulé», afirmando: «Vocês sempre me saíram uns líricos»; «pensam talvez que são hippis»; «mais flores para dar aos turistas...» E ainda outras «acusações» de raiz irónica, onde o riso se misturava com o sarcasmo corrosivo.

EVIDENTEMENTE, as flores, como elemento decorativo, pouco já dizem às gerações de hoje, mais voltadas para as duras realidades da era industrial, da tecnologia, do racismo, do incognoscível futuro da humanidade... Quer dizer: mudam-se os tempos, mudam-se as flores, e o que ontem foi não será forçosamente amanhã.

NÃO queremos, todavia, deixar de acrescentar o seguinte: aqui no Algarve, como noutro lugar qualquer deste mundo, as flores nascem e morrem em paz e serenidade, e não «têm culpa» que desprezemos o seu odor, a sua coloração e formas várias, a sua fecundidade... Porque, na verdade, nós — que andamos uns contra os outros, armados de violência — é que não temos o poder de uma débil flor, que à sombra de um hotel, de uma fábrica, de um paiol, continua a lutar, a resistir, a cumprir a sua pacífica finalidade: mostrar-nos que tudo podia ser diferente, se nós quiséssemos.

RESPOSTA A UM LEIGO

Defendamos os interesses de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

lificados, pronunciou-se negativa e publicamente em 28/6/71 pela instalação da fábrica ali, no Cerro Alto, circundado pelas povoações de Vale Judeu, Terras Ruivas, Vale Covo, Conseguite e outras.

Ficamos sem saber, se o amor do sr. R. P. tem somente por objecto uma burocracia em que se deve ter deformado sem nada de substancial, e que o leva em tempos que também para ele, deviam ser os de hoje, a apavorar-se com o fantasma de separação administrativa da Vila Moura.

Mesmo que isso venha a acontecer, tal não significaria nem o afastamento nem a substituição dos locais e das populações, que assim acabariam por nada sofrer com tal separação.

Somente a burocracia do sr. R. P. ficaria mutilada, e, a admitir-se como tem que se fazer, que semelhante separação administrativa só viria a ser decidida superiormente com grande reflexão e no exclusivo interesse público, resulta que a posição do sr. R. P. neste campo poderá ser regionalista, baírrista, municipalista, mas anti-pública, desactual e anti-progressiva, ideia que contrasta e se contradiz com a bandeira de progresso que pretende arvorar em favor da CISUL.

Nós pertencemos às centenas de proprietários que o sr. R. P. chamou mal intencionados, a soldo, e ignorantes, mas a cuja vontade indomita se deve a reconversão de terras áridas, o desbravamento de rudes barrocais e o arroteio de terras matosas, a abertura das entranhas do subsolo em procura da água que teimava em não aparecer, num esforço hercúleo, de tal grandeza que alguns já chamaram aquela zona «o novo Neguev» de vastas e fartas terras, pujantes de pomares de centenas de milhares de contos e esforços ignorados pelo sr. R. P.

Das mais pobres e inhóspitas há uma dúzia de anos, a região é hoje a zona mais rica do Concelho, e que será sacrificada progressivamente e inexoravelmente pelas poeiras da CISUL, que também conspurcarão as águas, acumulando-se e sedimentando sempre mais, voltando a transformar o solo e a vegetação agora férteis e produtivos, num espectáculo cinzento de morte e aridez desértica.

Os proprietários e populações circundantes da fábrica as mais directamente visadas, conscientes da ruína que os ameaça num raio de muitos quilómetros, manifestaram em tempo ainda oportuno, e quem de direito, o seu protesto pela instalação da fábrica naquele local.

Não é o signatário ou alguns indivíduos que defendem legitimamente os bens preciosos que são os mal intencionados, andam a soldo de alguém, arrastam pessoas mal informadas, têm sentimentos doentios ou de grupinho, no dizer do sr. R. P.

Todos sabem que o sr. R. P. ainda muito antes da CISUL funcionar fez a sua propaganda. E fá-la bem! Defende a sua posição, aquela que lhe interessa e que não é incontestavelmente a dos outros, pois não têm interesses inconfessados.

Os Órgãos Superiores competentes impõem tantos e tão rigorosos condicionalismos, que por si sós, se tem a inabalável certeza do altíssimo grau de perigo que representa para a região a instalação da fábrica naquele local, a jorrar dia e noite, gases e poeiras que a população do concelho de Loulé, particularmente a das zonas mencionadas terá de suportar.

Somos pelo desenvolvimento e progresso em todas as suas formas, pela instalação de indústrias, mesmo a da CISUL, mas em local adequado, que no concelho de Loulé também existe na zona dos barrocais extensos, longe das povoações, onde melhor prestará e contribuirá, para o desenvolvimento sócio-económico do Concelho.

Pasmemos! O sr. R. P. não vê qualquer inconveniente na poluição dos ares que os outros respiram, da água que bebem, dos bens que possuem, mas incomoda-se sobremaneira com os simples ruídos das motorizadas, no seu sono de janela aberta.

Talvez a idade do sr. R. P. já não faça sentir gravemente o receio dos factores da poluição. Mas deve considerar com o mínimo de honestidade, que as populações activas mais novas dessas zonas ainda cá ficarão tempo suficiente, para muito além da simples curiosidade que pode levar o sr. R. P. a divertir-se ainda com os fumos e as primeiras poeiras, verem afundar-se num prejuízo total os seus haveres e os pomares, a quem dedicaram os meios e os esforços da sua vida, e tornar-se irrespirável o ambiente que devem amar tanto como o sr. R. P., porque quase todos aí viram pela primeira vez a luz do dia.

Também não vemos na triste história das instalações poluintes deste País, nomeadamente em Lisboa, aonde vá o sr. R. P. buscar experiência de acerto que lhe possa dar a confiança da infalibilidade na técnica anti-poluínte da CISUL, que o parece ter levado ao seu infeliz artigo.

Convinha que o sr. R. P., que acredita na eficiência dos projectos e da tecnologia da CISUL, pensasse que é quase inadmissível, que as instalações e a mecânica dos fabricos não venham algumas vezes a avariar-se, produzindo durante esses períodos, e até aí reparações a cuja rapidez e prontidão não estamos habituados, prejuízos que hão de ser grandes, para nós, para a CISUL ou o mais natural para todos, parecendo-nos não passar de uma simples teimosia ou capricho não se encerrar, no interesse da própria CISUL a deslocação da fábrica para mais alguns quilómetros do interior do Concelho, onde de resto a CISUL já deve possuir terrenos.

VENDE - SE

Loja em Faro

JÁ ALUGADA.

RESPOSTA
AO APARTADO 154
FARO

As coisas começam sob maus auspícios para todos nós sr. R. P. Começam sob os auspícios da condenação já feita, e atrás aludida, da Comissão Nacional do Ambiente.

João Mendonça Romão

Justificação
de uma posiçãoEx.º Senhor Director
de «A Voz de Loulé»

Quis o meu amigo ter a bondade de me dar a ler a carta que o Sr. João Mendonça Romão lhe dirigiu, invocando a lei da Imprensa, para a sua publicação.

Ou o senhor Romão desconhece a Lei da Imprensa ou não devia fazer referência à mesma, com o fim de se apropriar de um direito que não tem.

A Lei da Imprensa — Dec-lei 150/72 de 5/5/72, art. 57.º — diz que o direito de resposta pertence ao indivíduo injuriado ou difamado e eu não tive, vez alguma, a pretensão de injuriar ou difamar o Sr. Romão que eu ignorava estar por detrás dos abaixo assinados que se andaram a preparar em Vale Judeu.

Invoca agora aquele senhor o «enfriamento da carapuça» e só me resta lamentar que o tenha feito da forma irregular, acintosa, deslegante, ofensiva e invectiva, sem pensar que o direito que invoca também pertence aos outros e, não é, egoísta e egocentricamente sua propriedade exclusiva ou privada como privado e particular é o interesse que o move ao que parece.

Agradeço Sr. Director, a amabilidade que teve em me dar a conhecer o texto da carta e do artigo «Resposta a um leigo» mas outra coisa não podia esperar da sua lealdade, como dilecto e dedicado colaborador nas horas boas ou más do nosso jornal, que é bem «A Voz de Loulé» e não a voz do Sr. Romão que pouco ou nada tem de Loulé, mas que tem propriedades em Loulé e, por isso, ataca com tanta ferocidade, os que defendem o interesse do concelho e não os da sua propriedade.

O senhor Romão não está indignado comigo, mas sim receoso que os pós da CISUL vão sujar as folhas das suas laranjeiras e serviu-se da resposta ao meu artigo para defender o seu ponto de vista, como se eu directa ou indirectamente, não conhecesse o «novo Neguev» desde o seu início, ou seja desde a descoberta da água pelo Inácio Dias.

E invoca a publicidade gratuita da sua carta, através do fantasma da Lei da Imprensa, sem que eu tenha no meu artigo qualquer nome ou palavra que directamente ou indirectamente o pudessem atingir, visto que eu ignorava que ele era o cabecilha do agora conhecido «levantamento de Vale Judeu».

Sempre tive o Sr. João Mendonça Romão, na conta e pessoa amiga, correcta, cortês, mas é bom que apesar de velhos ainda tenhamos que sofrer desilusões.

E, agradecendo a sua gentileza Sr. Director, peço-lhe que faça publicar a seguir à carta e artigo do Sr. Romão a seguinte:

RESPOSTA DE UM LEIGO

Em primeiro lugar quero acentuar ao Sr. João Mendonça Romão que não preciso, não careço, nem peço procuração ou voto de confiança da população de Loulé para me arvorar em paladino dos seus interesses. Basta que eles sejam justos, legítimos e decentes para os defender e defender com garra.

Também não reconheço idoneidade ao Sr. Romão para me impedir de continuar a defender o interesse do concelho de Loulé, sempre que este esteja em jogo.

São interesses públicos e colectivos.

Os que o senhor defende são seus, puramente pessoais, embora por deturpação profissional, os inclua nos interesses da Nação. Nada menos.

Também não tenho procuração ou voto de confiança da CISUL para defender os interesses desta Empresa, porque na minha maneira de ver, o que está em causa não são nem os interesses do Sr. Romão, nem da CISUL, mas os do concelho de Loulé, a quem o fomento industrial muito interessa como concelho do interior, carecido de riquezas e de meios que propulsem a sua evolução e o seu progresso.

Analisemos agora o artigo do Sr. Romão, que ele considera uma resposta a um outro meu sobre os interesses do concelho de Loulé, publicado anteriormente neste jornal. O dito senhor começa por me chamar «leigo». Leigo em agricultura talvez, mas se qualquer pessoa desenvolver uma actividade diferente da sua, também lhe poderá chamar «leigo» em assuntos de economia, desenvolvimento industrial ou outro que enquadre o progresso da Nação.

Diz que eu fiz graves «afirmações» à dignidade e honestidade de pessoas. Ora isto não corresponde à verdade. Eu não fiz nem «afirmações» nem acusações como talvez tivesse sido a intenção de dizer, do Sr. Romão. Isto não é ser leigo em sintaxe.

Se a Comissão Nacional do Ambiente se pronunciou em 26/6/71 negativamente pela instalação da fábrica no Cerro Alto de Gilvrasino — que tem à ilharga sul/sudoeste e não como «circundantes» os sítios que o Sr. Romão diz — não parece que seja a opinião do Sr. Romão que vai agora reforçar ou aumentar o valor daquele antigo parecer.

Onde é que o Sr. Romão acha que a defesa dos interesses de Loulé se deve a «uma burocracia deformada»?

A questão não é de burocracia deformada nem por deformar, como o senhor Romão julga. Trata-se sim de uma divisão administrativa de concelho, de Província ou de País, estabelecida e defendida pela lei, consoante os interesses gerais da região há muitas dezenas de anos e que não pode ser alterada ao sabor dos interesses do senhor Romão, ou de quem quer que seja.

Eu, defendendo este ponto de vista, poderei ser regionalista, baírrista, municipalista, como diz, mas o que não serei nunca anti-pública ou anti-progressista porque o que eu quero e defendo contra o Sr. Romão ou contra todos os senhores Romões é exactamente o progresso e desenvol-

vimento industrial do meu concelho, integrado na política de fomento industrial que o País prossegue, e o Estado acarinha.

E isto porque eu acho que os interesses do concelho de Loulé com a sua área de 775,48 Km2 não podem nem devem ser sacrificados aos de uma zona que, quando muito atinge os 27 Km2, se é que atinge do que muito duvido.

Quanto à afirmação de que o Vale Judeu será sacrificado às poeiras da CISUL devei apenas dizer que, as estatísticas meteorológicas informam ser os ventos dominantes os de sudoeste e, assim sendo, a zona de Vale Judeu, só poderia vir a ser afectada com os ventos do norte e os mais raros de nordeste, se é que as poeiras existam em fábrica que nos dizem ser das mais evoluídas quanto à eliminação de poeiras.

Mas que dizer dos laranjais de Setúbal, ao pé da Fábrica da Secil ou dos laranjais de Vila Franca junto ao forno de Cimentos do Tejo que foi durante alguns anos o maior do mundo? Coitadinhos, já há muito teriam sido poluídos e os arredores da grande cidade estariam agora todos cinzentos e de aridez desértica.

Os proprietários e populações circundantes, embora para usar este termo «circundante» haja que se demonstrar que se é leigo em topografia ou corografia da região, podem erradamente, ao que se está vendo, confundir interesses particulares ou de grupo contra interesses gerais de um concelho e até anteverem os fantasmas da poluição e do jorramento de gases e poeiras (vê-se que não há nenhum exagero) ou afectarem, no dizer do Sr. Romão, a população do concelho de Loulé.

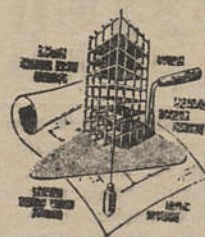
Chegámos ao ponto de pasmação do Sr. Romão.

Eu nunca disse, nem digo, nem direi que não há inconveniente «na poluição dos ares que os outros respiram, da água que bebem dos bens que possuem» e, na realidade, por enquanto incomodo-me muito mais com os barulhos das motorizadas, com janela aberta ou fechada.

O que eu queria era estabelecer o paralelo entre uma coisa e outra, pois parece-me que entre uma e outra há tanta parelha como o... (já dizer uma inconveniência) com a feira de Castro.

Sr. Romão vontade de ofender quem o não ofende não é o mesmo que defender princípios e temas válidos, mas já fica suficientemente demonstrada e não havia necessidade de recorrer à acatuação de diferenças de idades, porque é sempre inconsciente

(Continuação na 4.ª página)

Carapeto
& Tavares Lda

EMPRESA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Especializada na construção de piscinas,
moradias, blocos de apartamentos, etc.

Telef. 62028

Escritório: Rua António Ascensão, 6 - 1.º

Rua Winston Churchill, 1.º - Esq.º

LOULÉ

Não tenha problemas com a
limpeza e tratamento da sua roupa

Somos uma organização equipada com máquinas modernas para lhe suavizar as tarefas caseiras e para lhe poupar dinheiro.

Lavandaria BRANCURA
(SELF - SERVICE)

Rua de S. João

QUARTEIRA

Contribuição para o Progresso do Algarve

CISUL - Companhia Industrial de Cimentos do Sul, S. A. R. L.

APARTADO 45

Cerro da Cabeça Alta - Loulé

Para a sua fábrica cujo início de laboração está previsto para 1 de Agosto de 1973 a CISUL

ADMITE:

- Forneiros
 - Ajudantes de forneiro
 - Preparadores químicos
 - Operadores de máquinas ferramentas
 - Serralheiros mecânicos para conservação
 - Serralheiros mecânico auto
 - Serralheiros civis
 - Electricistas
 - Técnicos de electrónica
 - Condutores de máquinas diversas
 - Motorista
 - Serventes

OFERECEMOS:

| | |
|---------------------------------|--|
| VENCIMENTOS | Compatíveis com a experiência |
| CONDIÇÕES DE TRABALHO | Bom ambiente de trabalho |
| FÉRIAS | Idênticas para todo o pessoal e de acordo com o contrato colectivo de trabalho mais favorável e não segundo o contrato colectivo de trabalho específico a cada profissão |
| CANTINA | Todo o pessoal tem direito à refeição tomada durante o período de trabalho |
| SUBSÍDIOS | Subsídio de férias de acordo com o contracto colectivo de trabalho de maior escalão
Distribuição de dez por cento dos lucros líquidos por todo o pessoal
13.º mês |
| TRANSPORTES | Todos os transportes entre Loulé e a fábrica serão efectuados pela empresa |
| ASSISTÊNCIA MÉDICA | Todo o pessoal terá assistência médica gratuita |
| FORMAÇÃO PROFISSIONAL | Executaremos cursos de aperfeiçoamento profissional tanto em Portugal como no estrangeiro |
| DURAÇÃO DO TRABALHO | A semana será de 5 dias para todo o pessoal cuja função seja compatível com a laboração contínua da fábrica |
| ADMISSÃO | A admissão terá lugar entre Janeiro e Maio de 1973 |

Praia da Rocha Empregada

Oferece-se bom emprego a senhora, desembarçada e com o sentido da responsabilidade, para eficiente desempenho de actividades de escritório de vendas instalado na Praia da Rocha. Exigem-se vastos conhecimentos de francês e inglês. Dá-se preferência a quem residir na referida praia ou imediações.

Resposta, com a indicação da idade, estado, habilitações e experiência para

APARTADO 6 — QUELUZ

Novo Bispo do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

as cerimónias anunciadas.

Sobre a personalidade do novo Bispo do Algarve transcrevemos da revista «Política» (II Série, n.º 3):

«A muitos ia parecendo estranho o facto de há longo tempo se encontrar afastado de tudo e de todos o vulto do Senhor Dom Florentino Andrade e Silva que, durante alguns anos, com a maior elevação foi Administrador Apostólico da Diocese do Porto.

Se, pelo múnus eclesiástico, teve de encarar pesadas responsabilidades, ainda e além disso teve de vencer dificuldades suplementares, próprias da ocasião.

Ninguém pôe em causa a sua cultura, sem exhibições nem pretenciosismo, patente com simplicidade em certas pastorais e discursos, pronunciados durante o mandato para que fora escolhido, assim como se não pôe em dúvida a bondade e submissão que demonstrou enquanto o exerceu e quando o mesmo lhe foi retirado.

Hoje assistimos, com júbilo, ao reaparecimento do Bispo de Heliópolis, titular da Sé Episcopal, nomeado para a Sé Catedral de Faro e ao mesmo tempo assistente ao Sólido Pontifício.

No momento de confusão e de dúvida sistemática que pretendem abalar os fundamentos do Catolicismo, no momento em que tantas almas sentem a angústia da ausência de Deus, no momento em que as sociedades sofrem a instabilidade, como nunca, «é cada vez mais imperioso dar primazia ao espiritual».

Para tanto, torna-se indispensável encontrar no Sacerdote, no Bispo, «um servo só de Cristo» para que aquele esteja verdadeiramente livre da escravidão e não interferindo, como tal, nas teias dos negócios temporais. O Sacerdote, o Bispo, há-de estar presente, em qualquer lugar, mas ser diferente; há-de estar no mundo sem ser dele; há-de obedecer, para não cair no orgulho. E assim comunicará a Verdade e a Esperança aos que duvidem.

Sendo fiel a si próprio.

Destas virtudes é penhor o Senhor Dom Florentino.

«A Voz de Loulé», cujos assinantes e leitores são na sua maioria católicos, apresenta ao Sr. D. Florentino os desejos de fecunda Acção Pastoral no seio da comunidade cristã do Algarve.

Contabilista

Encarrega-se quaisquer escritas Grupos A, B, ou C. Todos assuntos.

Organismos Oficiais, corporativos ou outros.

Correspondência Estrangeira.

Assistência Técnica a todo o Algarve.

Travessa Cerro Malpique, 20 — Albufeira.

Assinantes Novos

É com justificada alegria que hoje publicamos mais uma relação de nomes de novos assinantes de «A Voz de Loulé». Nomes que são um estímulo para continuarmos o nosso trabalho em prol de uma «Voz» melhor.

Os nossos sinceros agradecimentos a:

Dr.ª D. Maria Lezita Caligo Monteiro e D. Maria das Dores Santos Ramos, residentes em Lisboa; José Neto dos Santos Fernandes, Adelino Mendes Viegas, «Cisul», José Pereira Pires, José Bota Guerreiro Agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e «Café Lampreia», em Loulé; A. Pearson, em Albufeira; Tenente João José Mealha M. Ventosa, Algueirão; «Lusotur», Boliqueime; José de Sousa Pereira, Faro; Agostinho Américo, José Martins, Renda Norberto, Correia José Farias, Bento Manuel Mendes Gonçalves, em França; Horácio Bota, U. S. A.; Aquilino Morgado Santos e Ilídio Santos, na Alemanha; D. S. Viegas, em África do Sul; Joaquim de Sousa Vairinhos, sítio do Concelho; José da Piedade Neves, na Venezuela; João José Baleizão Barracha, em Setúbal; da Silva Ortó, em França.

Aconteceu Teatro

(Continuação da 1.ª página)

de Loulé ama o teatro, gosta de ver teatro, sente e compreende o teatro. Só é pena que tão poucas vezes possa desfrutar dele. Só é pena que tão poucos façam teatro numa terra que tem «montes» de Sociedades Recreativas e Culturais (Culturais?). Só é pena...

«O Avejão» continua em ensaio de apuro. Dia sim, dia não. A espera que chegue a solicitada autorização. Pode ser que a Sorte (l) ajude e ainda possamos ver a representação antes do fim das férias (que depois tudo se vai modificar, infelizmente).

«Aqui toda a gente trabalha; isto é o espectáculo em construção» — e o público ajudou a construir um espectáculo vivo, sem «buracos», bem representado por jovens com intuição para o teatro, um acontecimento como não víamos em Loulé há longos anos.

E no fim as pessoas pediam: «Façam mais peças; dêem vida a isto». E os jovens do Atlético sorriam confiantes, conscientes de que afinal vale a pena trabalhar...

VENDE-SE

Uma propriedade de regadio e sequeiro com planta aprovada para construção, situada na Rua Patrão Lopes, em Quarteira. Informa: Celestino Martins Ribeiro — Estrada Nacional, 195 — Olhão.

Resposta a um leigo

(Continuação da 2.ª página)

quem se deite a calcular a longevidade de cada um.

Mas como no seu arrazoado apenas se vêem citações pessoais que eu não lhe merecia — porque, repito, ignorava que era o senhor que estava por detrás disto tudo — deixe que lhe pergunte:

O ódio todo é ao R. P. ou à Cisul?

Sempre se mostrou meu amigo e porque é que em vez de vir ao Jornal ameaçar com a Lei da Imprensa, não teve a ideia de me perguntar porque é que eu o magoava e explicar-me que o seu interesse pessoal era que a CISUL não se instalasse, ou no caso de se instalar, viesse a fazê-lo noutra sítio.

A questão assim era mais fácil, mais compreensiva, mais razoável e eu não fugiria a dar-lhe todas as explicações.

E agora outra pergunta:

Acha que os contos, centenas ou milhares que custou o «Little Neguev» se podem comparar com o custo da compra de terrenos, instalações e acessos já feitos que se traduzirão em benefícios para tantos técnicos, operários especializados, de escritórios e outros benefícios que vão contribuir para a riqueza e progresso do concelho?

Acho que basta e desde já digo ao Sr. Romão: Não se fie na Lei da Imprensa para tirar partido, em seu favor, nem chame leigos em debate público, pois corre o risco de o feitiço se virar contra o feitiço.

R. P.

N. da R. — Publicámos a carta do Sr. Romão sem a isso sermos obrigados porquanto aquele senhor deveria ter-nos enviado:

a) Novo exemplar do Texto, rubricado em todas as páginas e com reconhecimento presencial da sua assinatura;

b) Declaração, nos Termos do n.º 4 do art.º 55.º do Decreto-Lei n.º 150/72, com reconhecimento notarial de que se prontifica a pagar a parte excedente da resposta, em relação ao artigo que a provocou, aos preços ordinários, não superiores ao da publicação de anúncios no Diário do Governo.

Liberdade e responsabilidade

«Ora neste momento temos de criar hábitos de liberdade com responsabilidade. Chamo a atenção para este ponto e não me cansarei em insistir: a responsabilidade é inseparável da liberdade. Se pratico um acto segundo o meu critério, segundo as minhas convicções, segundo a minha livre opção, tenho de tomar a responsabilidade do que faço. Mais: devo ter orgulho e gosto em assumir as responsabilidades do que fiz ou do que disse».

MARCELO CAETANO

Quinta no Algarve

VENDE-SE

Pomar com cerca de 350 laranjeiras. Abundância de água, electricidade e telefone. Dependências agrícolas, máquinas e ferramentas. Armazém, garagem, habitação c/ ou sem mobília. A 1.500 metros de Loulé, com frente à E. N. n.º 396 — Loulé — Lisboa.

Tratar c/ o próprio: M. Ricardo M. Silva — Telefone 62449 — Loulé.

Campanha pró-piscina

(Continuação da 1.ª página)

Portanto se o Algarve precisa de uma piscina boa, pública e se Loulé se dispõe a preencher essa lacuna, é necessário fazer-se uma obra capaz. Mas para isso necessitamos da colaboração das pessoas, mesmo das tais que só aderem sob condições.

Se é verdade que mais de 95% dos actuais aderentes à ideia da piscina se inscreveram procurando unicamente dessa forma contribuir para o progresso de Loulé, há muitas outras pessoas que, primeiro, desejam saber «como é». E se há perguntas a que não podemos responder, porque também não sabemos totalmente «como vai ser», pois é evidente que essas pessoas ficam aguardando...

É preciso fazer reuniões; é preciso fazer uma escritura da sociedade; é preciso escolher um nome e registá-lo; é preciso redigir os estatutos da sociedade; é, finalmente, é preciso saber das condições de exploração da piscina. Tudo isto (e outras coisas mais) exige estudos atentos pa-

ra se encontrar as melhores soluções.

É evidente que não podemos enganar as pessoas com palavras vãs e nem sequer termos aceitado algumas dezenas de contos que nos têm querido entregar. O dinheiro só será recolhido quando começar a fazer falta para as primeiras despesas. E nós TEMOS FE (porque ainda acreditamos nas pessoas) que todos hão-de cumprir, ao entregar (na hora própria) as verbas com que se subscreveram. Mais: nós até acreditamos que quando as pessoas se certificarem de que a obra está em andamento, hão-de aumentar o volume do capital a entregar. De resto até já temos promessas deste sentido.

Este tema é apaixonante, na verdade. Mas hoje ficamos por aqui, cientes de que, com o fim das férias que se avizinha, as coisas andarão mais depressa, e as decisões que se impõem hão-de ser certamente uma realidade. Entretanto, aguardamos mais algum tempo, continuando a pedir a adesão de todos.

NOVOS ADERENTES

Transporte ... 1 329 500\$00

José de Sousa Mendes — Loulé ... 1 000\$00
Daniel Gonçalves Viegas — Borno (Querença) ... 25 000\$00
Menina Maria da Costa de Brito da Mana — Loulé ... 1 000\$00
Menina Ana Cristina Pires de Brito — (Austrália) ... 2 500\$00
Isabel Maria Bento de Brito — Queluz ... 1 000\$00
Menina Maria Antonieta Gonçalves Viegas — Loulé ... 5 000\$00

A Transportar ... 1 365 000\$00

Notícias pessoais

* NOVAS FORMATURAS

A sr.ª Dr.ª D. Maria Beatriz Leal de Brito da Mana Ramalhão Fortunato, nossa estimada conterrânea, casada com o sr. José Manuel Ramalhão Fortunado e filha da sr.ª D. Maria Luísa Leal de Brito da Mana e do sr. Dr. Joaquim de Brito da Mana, concluiu, com elevada classificação, a sua formatura em Filologia Românica, na Faculdade de Letras de Lisboa.

*

Pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra obteve, com brilhantismo, a sua formatura a sr.ª Dr.ª Maria Valentina Cavaco Pereira, de 25 anos de idade, nossa considerada conterrânea, filha da sr.ª D. Maria Teresa Cavaco Guerreiro Pereira e do nosso prezado amigo e assinante dedicado sr. António Guerreiro Pereira.

As novas licenciadas, bem como a seus familiares, apresentamos os nossos sinceros parabéns.

* CASAMENTO

No passado dia 3, realizou-se na Sé Catedral de Faro, o enlace matrimonial da sr.ª D. Fátima Maria Martins Melo, empregada comercial, filha da sr.ª D. Bernardina Martins Melo e do sr. Sebastião da Assunção Martins Melo, com o sr. Jorge Manuel Ferro Dias, tipógrafo, filho da sr.ª D. Maria do Natal Ferro Dias e do nosso prezado amigo sr. Augusto Dias, chefe de composição gráfica do nosso jornal.

Foram padrinhos por parte da noiva, sua irmã e cunhado, a sr.ª D. Nidia Maria Melo dos Santos e o sr. Angelo Carrasco dos Santos, 1.º Sargento da Armada, e por parte do noivo, também sua irmã e cunhado, a sr.ª D. Maria Bertini Ferro Dias, enfermeira diplomada, e o sr. António Barreiros dos Santos, empregado da firma C. Santos, de Faro.

Aos recém-casados desejamos as maiores felicidades conjugais.

* BODAS DE OURO

Celebrou-se no passado dia 30 de Agosto, as Bodas de Ouro do nosso amigo e conterrâneo sr. Virgílio de Sousa Viegas, casado com a sr.ª D. Maria da Luz Guedes Viegas.

Foi celebrada missa de acção

de graças na Igreja da Nossa Senhora da Conceição pelo rev. padre Cabanita, tendo sido entregues alianças dos 50 anos de casados.

Na casa dos festejados foi servido um copo de água que serviu para franca confraternização entre bastantes familiares e amigos que rodearam o casal neste dia festivo.

Os nossos sinceros parabéns.

ANDARES

Vende-se. De três e quatro assoalhadas. Ou prédios completos.

Trata o próprio — José Miguel dos Santos Fradinho — Estrada Nacional, Baixa da Banheira — Telefone 204092.

VENDE-SE

Máquina de café em bom estado marca CIMBALIN. Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Casa devoluta, bem localizada, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, n.º 126.

Informa António Luís dos Ramos Júnior — Av. Costa Mealha, 15 — Telefones 62236 ou 62669.

Guarda - Livros

PRECISA-SE

Tratar com
Manuel Fernandes
Serra

Telefone 62032
LOULÉ

Desportos

● ABERTURA

Voltamos ao contacto com os nossos leitores, após um mês de ausência. Neste espaço de tempo tiveram notícias específicas sobre a Volta a Portugal em Bicicleta, matéria em que não nos sentimos muito à vontade, o que não impede de lamentar o fracasso da equipa do Louletano D. C. E. interrogar... se valeu a pena?

Analisando o comportamento da jovem equipa, ressalta a falta de poder, a desorganização técnica e de assistência.

Apresentar-se-ia o L. D. C. na Volta somente para marcar presença? Que os erros presentes beneficiem o futuro.

● FUTEBOL DE SALÃO

Atingiu-se a fase final da competição (organizada pelo Louletano D. C.), que tem animado as noites louletanas. Apuradas as seguintes equipas: Tianica/Salir, Pigalle e Sayonara de Faro, Pechão e F. C. S. Luís de Faro.

Saiu vencedora, com todo o mérito, a Pigalle e Sayonara.

● DESPORTO ESCOLAR

— ENSINO PRIMÁRIO

Prestes a iniciar-se um novo ano lectivo, entendeu a Direcção-Geral dos Desportos convidar uma centena de professores, a fim de lhes serem dados conhecimentos de abordagem ao futebol de 5, andebol, basquetebol e andebol. Estivemos nesse convívio, contactámos com responsáveis pela Educação Física no Ensino Primário e ficámos com a certeza que dentro das limitações da nossa Escola algo se vai fazer de positivo.

Das conclusões apresentadas a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional destacam-se a cobertura médica o seguro escolar, a alimentação, o material desportivo das escolas, a deficiente preparação dos professores primários nas escolas do Magistério e o grave problema.

das remunerações do professor primário.

— ENSINO SECUNDÁRIO

Vai construir-se a Escola Comercial e Industrial de Loulé, velha aspiração de todos os louletanos.

Pensamos que é a melhor e talvez a única oportunidade para se construir um Pavilhão Gimnó-desportivo que sirva Loulé e todos os seus habitantes.

Haverá outra oportunidade? Quando?

Loulé tem uma população estudiantil de cerca de 1300 alunos, dentro de breves anos o dobro, e ginásios, campos de jogos, recintos e parques desportivos? Nada.

● CONSELHOS A UM DESPORTISTA

(Manuel Sérgio em «Século Desportivo»)

Não basta dizer que o desporto é uma escola de «fair play», de companheirismo, para que ele o seja de facto. É preciso que tu saibas (ou possas) erguer-te à altura de tamanhas exigências. O Desporto será aquilo que tu fores ou ajudares a ser.

Joaquim Vairinhos

CONFIE A ENCADENAÇÃO DOS SEUS LIVROS À GRÁFICA LOULETANA

VENDE-SE

Prédio urbano e logradouro (devoluto) pertencente à família Rocheta, na Rua da Legião Portuguesa, (conhecida pela Casa da Legião), em Loulé.

Tratar com Dr. Manuel Gonçalves — advogado — Telefone 62112 — Loulé.

«TIANICA» MARCA PRESENÇA

Já no último número de «A Voz de Loulé» procurámos fazer referência à presença de «Tianica» no desporto em Loulé, só não o tendo feito por absoluta falta de espaço do nosso quinzenário. Mas, hoje, conseguimos este exiguo lugar para cumprir um acto de justiça.

Quando escrevemos «presença de Tianica», salientamos, naturalmente, a acção do fabricante e distribuidor dessa estampa aguardante característica do Algarve (imensamente apreciada por naturais e forasteiros), o «locutor privativo de Loulé» (quando é preciso falar em nome da nossa terra, é a sua voz que se faz ouvir), Artur Marcos Guerreiro, de seu conhecido nome.

Pois, o sr. Artur Marcos Guerreiro teve um gesto significativo para com os enviados especiais dos jornais, na passada Volta a Portugal em bicicleta: no dia da partida de Loulé todos levaram garrafas da deliciosa «Tianica», o que muito agradou aos jornalistas «desportivos» (com excepção de Inácio Teigão, da «República», que só vimos em Tavira, e do enviado de «A Bola» que, banhando-se nas águas frescas do mar, ignorou o trabalho positivo que uma Comissão de Recepção à Volta levou a cabo, como foi assinalado justamente nos restantes órgãos de imprensa).

Mas, não fica por aí a presença de «Tianica». Agora, no torneio de futebol de salão que o Louletano organizou, «Tianica/Salir» foi a única equipa do nosso concelho que conseguiu chegar à final, depois de demonstrar possuir jogadores de nível na modalidade (o melhor guarda-redes do torneio pertence a «Tianica/Salir»).

E não vai estagnar, evidentemente, esta intervenção de «Tianica» no desporto louletano. A sua presença continuará a surgir em todas as manifestações que forem realizadas em Loulé, no campo do desporto (e em outros). O sr. Artur Marcos Guerreiro sabe que «Tianica» é um nome que não pode ser ignorado...

Aqui registamos, com agrado, a acção da «mossa Tianica», a qual, desde a famosa cantiga do folclore algarvio, está no ouvido (e na garganta) de quem escuta «a moda que não está má», e de quem bebe a soberba medronheira...

OFF - SIDE

CENTRAL LEITEIRA

(Continuação da 1.ª página)

incluirão secções para vasilhame, desinfecção do leite, material circulante, arrefecimento, armazenagem e empacotamento.

Nesta data, está aprovado o projecto da recolha do leite na província, cujo abastecimento será assegurado pelas Cooperativas de Faro, Olhão, Loulé, Portimão e Vila Real de Santo António.

A nova Central, que custará cerca de quinze mil contos, estará edificada dentro de dois anos, e deverá resolver os problemas que actualmente se verificam com o abastecimento de leite na província algarvia.

No decorrer da reunião, e respondendo a várias perguntas que lhe foram formuladas, o sr. Dr. Trigo Pereira prestou alguns minuciosos esclarecimentos sobre questões relacionadas com a indústria leiteira, terminando por salientar que está em curso um trabalho intenso, de modo a corresponder cabalmente às necessidades dos consumidores de leite no Algarve.

Bem, já sabem que com a nova Central Leiteira vamos pagar o leite mais caro. E a qualidade será melhorada?...

Parece que nunca se bebeu um Loulé leite tão pouco gordo (nem tão mal medido...) como o que consumimos desde que a Cooperativa Leiteira começou a servir a nossa Vila.

Então, a que se destinam as Cooperativas: a servirem ou a servirem-se? Oxalá a Central Leiteira de Faro venha acabar com os justos protestos de todos os que necessitam do leite para a sua alimentação... Assim, é que vamos de mal a pior.

VENDE-SE

Quinta Umbria — Ponte da Tór, a 7 Km de Loulé. Possui castelo tipo feudal.

Dirigir ao caseiro da Quinta da Umbria — Ponte da Tór.

J. Pimenta SARL no Algarve

● EM EXPOSIÇÃO NA PRAIA DA ROCHA UM APARTAMENTO MOBILADO

Como reflexo de um dimensionamento cada vez maior, que se patenteia no número de locais de construção de apartamentos mobilados e andares para venda e aluguer espalhados por diversos pontos do País, as empresas J. Pimenta vão alargar a sua actividade ao Algarve através de um empreendimento de envergadura. Trata-se da construção, em plena Praia da Rocha, junto do mar, de apartamentos mobilados, em torres, com as indispensáveis infra-estruturas, como zona comercial, centros de entretenimento, piscinas, etc.. Esta realização, em todos os aspectos, constituirá um vigoroso impulso em prol do desenvolvimento turístico desta nossa afamada província.

Em frente do miradouro da Praia da Rocha, precisamente nos terrenos adquiridos já para o efeito e que desfrutam de situação privilegiada, encontra-se, em exposição, um apartamento-tipo, devidamente mobilado.

Graças a este magnífico apartamento-tipo, que pode ser visitado livremente a exemplo do que se verifica com outros patentes em Lisboa, Reboleira, Paço de Arcos, Cascais, Porto e Luanda, o público fica com uma ideia da natureza desta importante iniciativa de J. Pimenta SARL, uma organização em continuado progresso que com a conclusão, para breve, do seu grandioso complexo industrial de Talalde terá a possibilidade de construir 2.000 unidades habitacionais por ano.

Notícias breves

● ESCOLA TÉCNICA DE TAVIRA

Na Escola Técnica de Tavira foram criadas as Secções Preparatórias para os Institutos Comerciais e Industriais, melhoramento que vem valorizar extraordinariamente aquele estabelecimento de ensino da Cidade do Gilão.

● OPERAÇÕES «STOP»

Durante o mês de Agosto, foram realizadas diversas operações «stop», pela PSP do distrito de Faro, cujos resultados se apresentam: veículos fiscalizados 5793 e transgressões 264.

● NOVO JORNAL

«Gritar Alto» — assim se intitula o novo Jornal da Escola Preparatória de Carlos Reis da Lousã.

Sob a direcção da Dr.ª D. Maria Graciete Afonso Teixeira Neves Sardinha, e orientado pelo prof. José Carlos A. Craveiro, o novo jornal — feito totalmente pelos alunos e professores; daquela Escola — pretende «então» abertamente a contagiante alegria de viver (da Escola), descobrindo novos e fecundos horizontes de luz.

Longa vida para «Gritar Alto».

● COMANDO TERRITORIAL DO ALGARVE

Sob o presidência do ministro da Defesa e do Exército, general Sá Viana Rebelo, foram inauguradas, no dia 12 do corrente, as instalações do Comando Territorial do Algarve, cujo comando fica a cargo do brigadeiro Eurico dos Prazeres, que agora tomou posse.

Estiveram presentes as principais autoridades algarvias, nomeadamente o novo bispo, D. Florentino de Andrade e Silva, o Governador Civil eng. Lopes Serra e o presidente da Câmara Municipal de Faro, major Vieira Branco.

Durante a cerimónia de posse falaram os generais Rosa Groupp e Sá Viana Rebelo e por último o empossado. O ministro da Defesa e do Exército pôs em destaque a importância da criação deste Comando Territorial, ódas as características particulares do Algarve e a grande dis-

tância que separa a província algarvia da cidade de Évora, de que estava dependente.

● O CHEFE DO ESTADO NO ALGARVE

Em visita particular passou alguns dias no Algarve o almirante Américo Tomás.

O Chefe do Estado, que ficou instalado num hotel do Barlavento algarvio, aproveitou a ocasião para visitar alguns empreendimentos turísticos em construção na nossa província.

● ESCOLAS MISTAS

Foram extintos os postos escolares de Cortinhola (Loulé) e Vale de Murta (Tavira), tendo sido criadas em sua substituição duas novas escolas mistas.

● ASSEMBLEIA SINDICAL

No próximo dia 25, às 21 horas realizar-se-á a assembleia geral do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixa de Correio do Distrito de Faro, para eleição dos novos corpos gerentes (trienio de 1972-1974).

● NÚMEROS DE POLÍCIA

A população de Loulé aguarda que a Câmara Municipal resolva o problema que se vem registando com a entrega da correspondência (além de outros), como resultado de os números de polícia das habitações se encontrarem praticamente ilegíveis, o que provoca transtornos vários.

Já neste jornal foi chamada a atenção das autoridades camarárias para a anomalia, sem que até à data tivessem sido satisfeitos os desejos dos habitantes de Loulé.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE...

... no comer e no beber está muitas vezes o equilíbrio duma vida sã. Para quem conduz esse equilíbrio pode significar a própria vida.

Cupertino Costa

CLÍNICA GERAL

RETOMOU A CLÍNICA

CONSULTAS:

Todos os dias com início às 14h30
(No período da tarde não há consulta)

Consultório: R. D. Marcelino Franco, 36

Residência: Horta d'El-Rei, Lote P, 1.º, Dt.º

Telefone 22099 — TAVIRA

CHAVES

Para as portas da sua residência ou do seu carro.

FAZEM-SE COM RAPIDEZ

Dirija-se à

DROGARIA CELESTINO

RUA 5 DE OUTUBRO, 9

Telef. 62365 — LOULÉ

Páginas de Loulé Antigo

(Continuação da 8.ª página)

ali se realizava o mercado do gado de várias espécies. Grande movimento, largas transacções. Um leitãozinho, um porquinho acabado de nascer a guinchar, a grunhir num agudíssimo diapasão infantil, saltitão e de difícil obediência pela revolucionária gesticulação de pernas, mãos e cabeça, ali era vendido ao preço de uns dez tostões ou quatinho; os mais idosos, quinze tostões, dois mil reis, conforme o mercado regulador.

A espornar desabridamente lá ia o pequeníssimo animal, ao colo do comprador a caminho do pocilgo, que os havia por todos os lados e cantos da Vila. Admirado dia-a-dia pelo dono, familiares e amigos, ele crescia sob a acção do peixe salgado que comia e do chiqueiro que cada vez era mais chiqueiro. A pia de pedra, quadrada, rectangular ou redonda, com água suja barenha de lama, farelos mexidos em água quente, de peixe, alfarobas, figos, e por fim, na engorda, bolotas, tal era a escala ascendente aplicada durante os meses necessários para a «faca no peçoço».

Na fase da engorda avantajava-se sob os ávidos olhares dos familiares e visitas. Logo os calculistas aventavam das arrobas que o bicho poderia ter: «compadre! o seu já deita oito arrobas bem pesadas». Eram as sacramentais frases dos amigos!

Pronto para a matança, o «bicho», pesado e quase sem forças para andar e sustentar-se de pé, chegava a vez de pagar com a faca metida no peçoço os meses que só fizera comer, beber água pôde e dormir. A carne, conforme as comidas assim era o seu sabor: boa comida, boa carne; má comida, como a do peixe, que era a mais farta, toucinho amarelo rançoso, e de sabor a peixe. No entanto, chegando o dia fatal, ele era sempre de grande regosijo e contentamento para as pessoas que o viviam.

A rapaziada delirava e já na véspera não dormia no desejo de viver a euforia da apetecida morte; e afinava pelo melhor das suas delícias — possuir a bexiga. Lavada, assoprada e cheia de vento, debaixo do braço, apertada intermitentemente, os estrepitosos sons dela saídos repercutiam-se no vácuo ruidosamente. Era a gracinha da gente miuda e o riso sisudo da gente adulta.

Pela Vila, vindos do Baixo Alentejo, rebanhos de porcos percorriam-na. Tinham fama e os compradores não faltavam. Sempre era a carne de melhor sabor. Vendidos à arroba só eram pesados depois de mortos e enxutos. Não entravam no peso as miudezas.

Pelas ruas, quintais, largos, grandes e fortes calxotes bancas ou mesas — como era possível — tojos acessos, facas ponteadas e compridas, bocados de cortiça, alguidares, braços arregaçados, homens, mulheres e miudagem, cada um dando a sua alegre ainda lá estavam os matadores de fama a mostrarem as suas habilidades. Acertar logo na primeira picada no peçoço do animal e prostrá-lo fulminantemente, era o que contava para aumentar mais a categoria do matador. E havia apostas; e assim principiava a grande sinfonia da morte do porco.

«Tio Caleiras», «Zé Caguincha», Joaquim Rainha, Joaquim da Emilia, Pintassilgo, e outros, tais eram os matadores preferidos para tão características mananças de delicadas operações anatómicas.

Cada operador tinha dois ou três ajudantes, geralmente amigos ou compadres. Manhã cedo, ainda antes do nascer do Sol, banca na rua, animal a custo colocado em cima a grunhir em grande alarido, pernas atadas, matador, ajudantes, dono, família e amigos, grande era a azáfama desenvolvida. E à voz de comando cada um no seu posto, o facalhão entrava pelo peçoço da imolada vítima prostrando-a sem vida. Uns fortes estícos, uns grunhidos de dor e agonia, e

com uns arranques profundos e violentos o animal silenciava-se para sempre. Os entusiastas redobravam e a cena vivida era sempre acolhida com apartes de grande gáudio. Logo a «ti-Maria», já senhora da função a desempenhar, aparava a sangue encarnado escuro a sair às golfadas do buraco feito no peçoço do animal, que caía no aguidar de zinco ou de barro. Com um grande colherão de pau mexia-o de mistura com um pouco de vinagre para não coagular. Molhos de tojos a arder eram colocados nas várias partes do morto para lhe queimar os pelos. Esta operação feita, logo sucedia outra: água limpa por cima e os bocados de cortiça entravam em acção de o esfregar até ficar limpo, branquinho como neve. Estava concluída a operação da morte do bicho!

Seguia-se-lhe a outra fase, a mais animosa, por sinal. Provar e comer as suas miudezas. O «sarabulho», o sangue cozido com alhos, salsa e vinagre, fazia um excelente aperitivo dedicado ao matador e ajudantes. Pão mole molhado no saboroso sangue, com azeitonas de sal e belo vinho à descrição, com esta sarabulhada os ânimos mais e mais se azejavam e a festança continuava.

Porco aberto, limpo de miudezas, duas canas abriam-lhe as mãos e os pés. Em exposição durante uma vinte e quatro horas, muito admirado ele era. Entretanto outro manjar se aprontava para a família e amigos: cachola, rins e lombinhos, eram o maior petisco a ser devorado. Bom vinho, boa aguardente de medronho ou de figo, conhaque, mesmo, e assim os ânimos exaltavam-se em louvaminhas e à boa camaradagem; e cada amigo esperava a reciprocidade, mandava a tradição. Pesado o porco, ele dera as arrobas que um dos calculistas dissera. Logo uns abraços pelo acerto.

Esquartejado, dividido por sectores e aos bocados, era da praxe os oferecimentos: um bocado para o senhor prior, outro para a vizinha, outro para o amigo, etc.. E quem tal não fizesse faltava às boas normas da tradição e era asperamente censurado; mas não: toda a gente cumpria, mais ou menos, com os preceitos da terra.

As comadres iam ao ribeiro lavar as tripas para os enchidos. Um varinhas compridas, delgadas, trespassavam-nas até elas ficarem totalmente limpas de excrementos e poderem servir aos enchidos dos chouricos, das linguças, e dos paílos.

A bexiga, essa, era quase sempre motivo de guerrilhas entre a miudagem que a disputava. Todos a queriam. E assim era há uns bons sessenta anos a «Matança do Porco»!

Mocidade que lembra sempre, costumes antigos que eram vividos nas melhores das fraternidades, matança que era o melhor regalo da vida íntima do LAR LOULETANO!!

Pedro de Freitas

P. S. — No número (9) desta Série de artigos, jornal número 490 de 16/5/72, onde se lê José Joaquim Rasquinho «também fotógrafo exímio», deve ler-se Como pintor exímio.

Ao douto leitor destas minhas antiguidades louletanas agradeço o reparo feito.

F. F.

VENDE-SE

Um monte com casa de habitação (6 compartimentos) armazém garagem, dependências agrícolas, cisterna de 150.000 l. de água, quintal bardado e fazenda com 3 jéras de terra de semear, com árvores de fruto, situado na Lagoa de Momprole a 3 Kms. de Loulé.

Tratar com o próprio: Largo Dr. Oliveira Salazar, n.º 2 ou pelo tel. 62710 — Loulé

INTERESSES de Loulé

(Continuação da 8.ª página)

pouco tempo, uma expansão involgar.

Ao Estado, que, pela Junta Autónoma das Estradas tem estudado o problema da variante da E. N. n.º 2 entre Faro e Chaves, no percurso Faro - Almodovar, passando por Loulé, Salir, Algandur, Moimentos, Almodovar, não pode deixar de impressionar este aumento e grandeza do movimento rodoviário que estas unidades produtora e fabril, terão em futuro próximo.

Se acrescentarmos que o Algarve, com o seu movimento turístico, cada vez mais intenso e cada vez mais irreversível, carece de uma via de fácil percurso, sem os incómodos e impertinências através de uma velha estrada com centenas de curvas e de declives hoje postos em desuso pelo progresso da ciência das comunicações, mais um factor irresponsável juntamos às nossas reivindicações de uma variante que, sem os inconvenientes do actual percurso, nos aproxime da capital do País.

Ora Loulé, está exactamente no coração do Algarve, equidistante dos dois extremos e numa linha de confluência de estradas, que a torna um ponto de entroncamento estratégico, ideal, e exclusivamente aconselhável, em troca da velha rodovia Faro, Barranco, Ameixial, Almodovar, que, como dissemos, poucas facilidades de reparação e nenhuma de melhoria pode apresentar.

A variante S. João da Venda, onde entroncam já a E. N. de Lagos a Faro e que até esta cidade já apresenta características de boa estrada seria o ponto de partida que conviria aproveitar para, em substituição do velho e acidentado percurso Faro, Almodovar, se construir a nova variante que, decerto, seria mais económica do que uma reparação total e com poucas hipóteses de êxito pelo percurso antigo.

Esta variante seria para o centro do Algarve, para a saída dos produtos extraídos ou fabricados no grande centro produtor que é Loulé, para as comunicações automóveis de turistas de e para o Algarve, a que há absoluta necessidade de prover, a solução ideal e incomparável, com larga economia do seu custo pois seria construída em terreno 50% fácil, 35% em terreno acessível e apenas 15% em terreno difícil.

Poderá objectar-se que alguns pontos do actual percurso seriam largamente prejudicados com a construção da variante, mas, bem pensadas essas desvantagens — aliás hipotéticas, pois o velho percurso continuaria a existir, não poderemos deixar de aduzir que as vantagens da variante seriam tão nítidas e relevantes que, decerto não mereceriam qualquer comparação nos benefícios que traria, em relação aos prejuízos que pudesse acarretar e que, como dissemos seriam apenas hipotéticos.

Inclusivamente S. Brás de Alportel teria o ponto de tomada da nova estrada a 12 quilómetros quando hoje tem de percorrer 18 até ao Barranco de Velho. E, as facilidades que, hoje tem como ponto de afluência da via rodoviária que serve o sueste da Província, continuariam a existir e a subsistir.

Tal variante seria, indiscutivelmente a melhor infraestrutura que o Estado podia oferecer ao Turismo do Algarve e à saída deste, rumo ao Centro e norte do País, canalizando para aqui com facilidade e comodidade o que hoje se considera um trajecto indesejável e, por isso mesmo, pouco utilizável ou aproveitável.

Hoje que tanto se fala em auto-estradas e vias rápidas para o Norte do País, parece-nos inconcebível que o Algarve, como centro de afluxo de turismo e, dentro em pouco, zona internacional de jogo, seja tão pouco falado em matéria de comunicações, ou nem sequer lembrado.

R. P.

CONCURSO

«ADIVINHA DA QUINZENA»

A partir do presente número de «A Voz de Loulé» passaremos a publicar a «Adivinha da Quinzena», espécie de Concurso aberto a todos os nossos leitores e assinantes.

E porque o nosso jornal chega muitas vezes atrasado às mãos dos leitores (por razões totalmente estranhas à redacção), aqui deixamos a primeira «adivinha».

Todos podem tentar acertar. Temos prémios para enviar aos vencedores.

Eis a pergunta:

— Quantos dias demoram os CTT a distribuir «A Voz de Loulé»?...

CASA ALEIXO

de VITALINO MARTINS ALEIXO

Papelaria, Livraria, Artigos de Escritório e de Pesca, Artesanato Regional e Material Escolar, etc.

RUA ATAÍDE DE OLIVEIRA, 9
Telef. 62425 LOULÉ



VINHOS DE MESA SELECIONADOS

AGUARDENTES FINAS BRANDIES

Campelo

OS VINHOS VERDES MAIS PREMIADOS NOS CONCURSOS INTERNACIONAIS DE PROVAS DE VINHOS REALIZADOS EM 1967 E 1968 ENGARRAFADOS NA ORIGEM







QUALIDADE DISTINÇÃO

Um produto da rede distribuidora PROLAR

DEPOSITOS — FARO — Telef. 23669 — TAVIRA — Telef. 264 — LAGOS — Telef. 287 — PORTIMAO — Telef. 148 — ALMANCEIL — Telef. 34 — MESSINES — Telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Estabelecimentos TEÓFILO FONTAINHAS NETO — Com. e Ind., S. A. R. L.

Telex 01433 — Teleg. TEOF — Telef. 8 e 89 — Caixa Postal 1 S. B. DE MESSINES — PORTUGAL

Transportes de Carga Louletano, L.ª

Transportes de carga para alugar

Nova Agência em LISBOA (Xabregas)

PARA MELHOR SERVIR

OS SEUS CLIENTES

Agência em LISBOA: Rua da Manutenção, 21-A-B-C Travessa da Manutenção, 2
Telefone n.º 385031

Agência em FARO: Largo do Carmo, 2 — Telefone 24885
Sede em LOULÉ — Telefones 62017 e 62030

Transportes Silvense (Domingos Loia & Filhos, Ld.ª)
Telefones 42116 e 42209 SILVES

Agência em OLHAO: Av. 5 de Outubro, 34 — Telef. 12676
Agência em PORTIMAO: Rua de S. Pedro, 34-B — Tel. 24639

O Algarve visto pelas crianças

A Comissão Regional de Turismo do Algarve, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, vai organizar mais uma vez o concurso «O Algarve visto pelas crianças», iniciativa que tanto êxito tem alcançado em anteriores realizações.

O certame é extensivo a todas as crianças que não excedam os 14 anos de idade, podendo ser apresentados trabalhos, individuais ou colectivos, com inteira liberdade. O concurso comporta as seguintes modalidades: prosa (conto, novela e crónica), poesia (poemeta e quadra popular), desenho e pintura, papéis recortados e artesanato.

Os trabalhos serão aceites até ao dia 30 de Novembro, podendo a entrega ser feita pessoalmente ou pelo correio, e devem ter a indicação — «O Algarve visto pelas crianças» — Comissão Regional de Turismo do Algarve — Rua Engenheiro Duarte Pacheco, n.º 20 — Faro.

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS SOBRE O ALGARVE

Simultaneamente, realiza-se, uma vez mais, o «Concurso de Fotografias sobre o Algarve», certamente extensivo a fotogra-

fos amadores e profissionais, nacionais e estrangeiros, que apresentem fotografias a preto e branco, em qualquer dos processos, no formato de 6X6 cm, e cujas produções (em número ilimitado) devem também ser enviadas, até 30 de Novembro, para a sede da Comissão Regional de Turismo.

Os prémios para este concurso elevam-se a 15 mil escudos.

SAIU O 13.º VOLUME

da «Verbo Enciclopédia Luso - Brasileira de Cultura»

O 13.º Volume da «Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura» agora publicado inclui desde o vocábulo *Matrimónio* até ao vocábulo *Nerópolis*. Pelo seu grande interesse destaca-se o vocábulo *Moçambique*, que ocupa 53 extensas colunas: a origem do nome, os aspectos geográfico, histórico e antropológico, a organização da província, tudo é tratado com o devido pormenor. É justo citar as inúmeras fotografias e cores que acompanham o texto, bem como os mapas.

De grande importância são também os vocábulos *México* (com várias ilustrações sobre a riquíssima arte do país) e *Matrimónio* pontos de vista antropológico, de direito e teológico).

Mas muitos outros vocábulos merecem a atenção dos especialistas; entre eles, e por ordem alfabética, salientamos: *Medicina*, *Megalítica* (Arte funerária), *Melo* (D. F. Manuel de), *Messianismo*, *Metafísica*, *Migração*, *Minas Gerais*, *Minho*, *Ministério*, *Miranda* (F. Sá de), *Modernismo*, *Moeda*, *Morte*, *Movimento*, *Museu*, *Música*, *Natureza*, *Neoclassicismo*, *Neolítico* e *Neo-realismo*.

Obra cuidadosamente elaborada, a «Enciclopédia Verbo» satisfaz as exigências culturais do mundo de hoje, não descurando o aspecto meramente informativo que é desejado por quem consulta uma enciclopédia.

COMPRO

Terreno, casa ou prédio velho para demolir. Indicar local e área a A. C. — Apartado 2 — Loulé.

Casa Velha ou Terreno

Próximo Vila Albufeira ou Praia, compra-se. Todas Informações: Travessa Cero Malpique, 20, Albufeira. Urgente.

Instantâneo

Mosca no prato

Sorriso aberto a inundar-lhe a boca, ofegante, a transpirar, enormes seios de euforia, grita, enquanto empurra a porta do autocarro:

— «Livra! Se esta coisa não tivesse parado aqui, não chegava a tempo de servir a sopa ao meu rico João...».

De facto, era verdade: a coisa para ali, na encruzilhada, por força do apito estridente da sirene de uma ambulância, que pedia passagem. Aproveitando-se do acaso a senhora, obesa de contentamento, abria a porta do autocarro, e entrava.

Foi então que um homenzinho vestido de negro, sentado no banco da frente, respondeu:

— «Olhe, se não fosse a desgraça de alguém, o seu rico João lá ficava sem almoçar... Isto há sempre alguém que lucra com o mal dos outros!»

«Muito bem dito»; «É verdade como punhos»; «Sempre foi e há-de ser assim» — foram algumas das várias opiniões que ecoaram no autocarro. Cada cabeça cada sentença, como diz o nosso povo. E, de novo, nos embrenhámos nos nossos pensamentos...

Conclusão (sem moral na história): que importaria a João (o rico) a desgraça de alguém, desde que na sopa não tombasse a mosca do costume? Porque, havendo sopa, os outros são uma ambulância distante...

VIRIATO TRISTÃO

João Leal na MADEIRA

O conhecido jornalista prof. João Leal, nosso considerado amigo, esteve na Ilha da Madeira, acompanhado de sua esposa, a passar alguns dias de repouso.

João Leal, que teve como companheiros de viagem o sr. Brito Figueira, dinâmico administrador da «Sumol», e esposa, aproveitou as suas férias na Madeira para contactar com o povo daquela região, bem como para visitar os locais de maior interesse turístico.

O nosso jornal espera publicar algumas impressões desta viagem, através da pena de João Leal.

LOULÉ



Agradecimento

MARIA DA ASSUNÇÃO VIEGAS

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

«A VOZ DE LOULÉ»
V E N D E - S E
na CASA ALEIXO
LOULÉ

Por onde andam os nossos músicos

«Olha o Manell Posso sentar-me à tua mesa?» — palavras ditas com entusiasmo, sinceras, amigas, ali na «Barraca Calcinha», em Quarteira.

É um velho amigo, Américo de Brito Rodrigues, hoje com 40 anos, emigrado em França, e agora a gozar as férias da praxe, depois de longos meses de contínuo esforço, em terra estranha, lá onde os francos dão ordens...

Conversamos. Mais isto, aquilo e aqueloutro, como sói dizer-se. O que é que fazes, o que não fazes, como o tempo passa...

O companheiro Américo diz-me:

«Sou operário metalúrgico, em Paris, há 6 anos. Trabalha lá muita malta de Loulé. Habito mesmo em Paris, com a minha mulher e filho (que tem 14 anos e é estudante). Mas, na verdade, não posso deixar de vir até aqui rever a nossa terra...».

Falamos, falamos... E, na força das palavras, vem à nossa presença a Música Nova, onde Américo «era trompete» (com boas qualidades de intérprete, segundo os entendidos):

«Mesmo em férias já fiz um serviço com eles. Saudades, sabes?! Em Paris toco na Banda da «Mairie». Mas lá, como cá, a malta nova já não se interessa pelas Bandas! É tudo o mesmo: só velhotes...».

Bebemos um copo, servido pelo Adelino. O mar, ali pertinho, convida a um mergulho. Está um verdadeiro dia de Agosto. O Sol quentíssimo, os «biquínis» estendidos sobre a areia, a alegria das férias...

E o diálogo prossegue. O amigo Américo informa-me, enquanto eu escuto atentamente:

«Os operários portugueses, em França, têm as mesmas regalias dos franceses. Podemos estar sindicalizados, o que não acontecia há tempos. O Sindicato faz conferências, informa-nos do movimento operário, interessa-se pelos nossos problemas... Na fábrica onde trabalho há representantes (operários) da CGT que expõem os nossos desejos aos patrões, durante uma reunião mensal que se realiza na fábrica... Enfim, temos responsabilidades, mas sabemos quanto vale o nosso trabalho».

É isso Américo. Eis o que importa: sabermos quanto valermos, possuímos a exacta noção do nosso valor na sociedade, enquanto trabalhamos e lutamos pela vida. Nada de mais importante para um homem que conhecer-se homem, senhor da sua liberdade e da sua responsabilidade. E tu, que trabalhaste «nos sapatos» em Loulé e agora és operário metalúrgico em França, já vais aprendendo que só assim vale a pena, que só assim se pode viver dignamente.

Por hoje, Américo, fico por aqui. Dissemos coisas que não podem agora ser escritas... Mas, tu sabes, a culpa não é minha, que escrever nos jornais não é «brincadeira» nenhuma... Porém, um dia mais tarde, talvez tudo seja diferente...

Deixo-te aqui o meu lema: saúde, trabalho, paz e liberdade. E, terminando, peço-te: continua a tocar a tua trompete, pois ainda há muita gente que necessita de ser acordada...

MANUEL SEQUEIRA AFONSO

FRANGOS

PRONTOS A COZINHAR

DO

AVIÁRIO DO FREIXIAL

FRESCOS E CONGELADOS

PEDIDOS AOS:

Est.ª Teófilo Fontainhas Neto — Comércio e Indústria, SARL

Telefones 45306/07/08/09 — S. B. de Messines

DEPOSITOS:

Faro — R. Conselheiro Bivar, 89 - 91
Telefone 23669

Portimão — Largo Gil Eanes, 20 - 21
Telefone 23685

Lagos — Rua Gil Vicente, N.º 34
Telefone 62287

DECORAL

Móveis e Decorações do Algarve

TUDO PARA O SEU LAR

ABRIU EM
QUARTEIRA

na Avenida Marginal



Compra, Vende, Aluga e Trespasa

PROPRIEDADES, PRÉDIOS, QUINTAS, APARTAMENTOS, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, etc.

RUA DA CARREIRA, 118 e 120

LOULÉ

PINGOS...

O «distinto escritor» Ernst Hornickel abalou de Estugarda com uma grande finalidade: escrever um livro sobre os vinhos do Algarve, bebidas dignas dos deuses helénicos, de acordo com a concepção estética que Manuel Teixeira Gomes tinha das terras do Sul, quando o turismo era apenas um «preceito de higiene sertaneja» de alguma ignorada «Venus Momentânea».

Pois bem, amigo Ernst, nós — que repelimos, com acidez vinica, o carrascão estranho — não te aconselhamos, para o livro, o Lagoa ou o Areias, nem vamos fazer sobreavisos contra abundantes vinhocas que, para mal dos nossos desgraçados estômagos, por aí multiplicam a jorra circundante...

Porém, «ilustre» confrade Hornickel, ninguém nos impede a «cunha»: que em Estugarda, ou noutro lugar qualquer deste planeta embriagado de armas, se saiba que o nosso bom Joaquim Pedro, ali na Franqueada, destila cá uma pinga que até dá vontade não de escrever um livro, mas uma colossal enciclopédia de bem fermentar toda a uva... E, não te esqueças, ó Ernst, que quem deseja bom vinho não vai a Ceca nem a Meca: vai, sedento, à boa cepa...

SEQUEIRA AFONSO

Páginas de Loulé Antigo (12)

A matança do porco

«Matar o porco» eram sempre uns dias festivos na casa onde havia essa possibilidade.

Ricos, remediados, pobres, anualmente a sua melhor arca económica fixava-se em «matar o porquinho». Matá-lo, salgá-lo, enchouricá-lo aos fumos das lazeiras, constituía o melhor das vidas caseiras que cada um poderia arranjar para uns largos meses de bom passado. Inverno mais nomeadamente Natal, Reis, Carnaval, eram as épocas das

melhores matanças. Os ricos, e segundo a família ou criados que possuíam, dois, três porcos gordos; os remediados, um bem gordo — sete, oito arrobas ou mais; os pobres, quatro cinco arrobas.

Por — Pedro de Freitas

Na repolhada, nos feijões, nas amêijoas; chouriços, flocinhos, orelhas, rabos, toucinho alto e baixo, que manjares estas apreciadas partes da matança dava a todas as famílias. Matar o porco era a alegria doméstica e a riqueza de um governo caseiro que enchia de contentamento muitas famílias louletanas.

Era da tradição! Os avós e os pais já haviam tomado esse sistema de vida, e por isso a herança recebida havia de continuar.

A salgadeira, bem recheada, era a certeza da fome, no inverno, não entrar nas casas onde ela prometia abastança.

Curiosas eram as escalas da criação dos animais e a sua festiva morte. «Barreira», às «Portas do Céu», todos os domingos

(Continuação na 6.ª página)

‘República’

Faleceu recentemente o Director do nosso colega «República», prof. Carvalho Duarte, brilhante jornalista e fervoroso democrata. Por tal motivo aquele órgão de informação encontra-se de luto.

Para substituir o prof. Carvalho Duarte, assumiu a Direcção de «República» o distinto jornalista Dr. Raul Rego, que vinha desempenhando as funções de director-adjunto daquele vespertino juntamente com o poeta Dr. Alfredo Guisado, que agora se demitiu do cargo.

Ao nosso colega «República» apresentamos sentidas condolências e desejamos ao seu novo Director, bem como a todos quantos trabalham naquele Jornal, as maiores felicidades no desempenho das suas funções.

RAÇÕES

todos os acessórios para esta indústria

CASA CHAVES
CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19 - B
Lisboa — Tel. 725163

Ultimas Notícias

● Exposição digna de visita

A escultora Ema Brandão expõe (desde o dia 4 do corrente) no Posto de Turismo de Faro, junto ao Arco da Vila.

Conjunto notável de trabalhos em madeira — dos quais destacamos «A Última Ceia» e «Quitandeiras» —, fazem desta exposição uma realização digna de ser apreciada.

Os preços das obras expostas não estão ao alcance de todas as bolsas; todavia, para os menos bafejados pelo capital, resta a oportunidade de admirarem as esculturas de uma grande artista: Ema Brandão.

Leitor, vá ao Posto de Turismo de Faro e não se arrependerá.

● Dr. Jacinto Duarte assistiu aos Jogos Olímpicos

O sr. dr. Jacinto Duarte, presidente do Louletano Desportos Clube (onde tem exercido uma fecunda acção de desenvolvimento), esteve presente em Munique para assistir aos Jogos Olímpicos.

Pessoa interessada pelas manifestações desportivas, o sr. dr. Jacinto Duarte tem agora à sua frente o prosseguimento do «olímpico trabalho» a que, no Louletano, meteu ombros e que tão valiosos frutos já proporcionou à colectividade que dirige.

● Joaquim Manuel Cabrita Neto visita a Europa

O Administrador-Delegado dos Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto, sr. Joaquim Manuel Cabrita Neto, está de visita a vários países da Europa, a fim de contactar com os agentes e clientes da Firma que administra.

Nesta deslocação o sr. J. M. Cabrita Neto foi acompanhado pelo assistente da Administração sr. Teófilo José Cabrita Neto.

A Banda de Alcochete em Loulé

De regresso de Espanha, onde actuou com muito agrado, esteve em Loulé a Banda da Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898, de Alcochete de que é regente o nosso estimado conterrâneo, amigo e assinante sr. Mariano Guerreiro Domingues cuja actuação muito tem contribuído para a elevação de nível daquela apreciada Banda.

LOULÉ



Agradecimento

José de Sousa
Vairinhos

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

Ainda os interesses de Loulé e do Algarve

Insistimos na intransigente luta pelos interesses deste concelho, cujas virtualidades no potencial económico da Província e do País, são, de tal modo evidentes, que quase nos parece um crime, não se lhes proporcionar as necessárias estruturas, para o seu integral aproveitamento.

Loulé tem a mais rica mina de sal do País, devidamente prospectada numa considerável extensão de algumas dezenas de quilómetros e de sal do mais rico teor em pureza. Diariamente, saem da mina de sal de Loulé, camions que conduzem este sal para as instalações da Companhia União Fabril do Barreiro.

O mesmo concelho dotado de uma extensa área dos melhores calcários para cimento, tem em construção uma moderna e bem equipada fábrica de cimento que não muito longe, começará a produzir, pois o fabrico e exportação está previsto para 1973.

Notícia Rotária

No passado dia 17 de Agosto realizou-se no Hotel Baltum, mais uma reunião do Rotary Clube de Albufeira, a que presidiu o Dr. António Bernardino Ramos.

Após as cerimónias da praxe rotária, foi tratado o serviço de secretaria, a cargo do sr. António Palmeira.

Ao protocolo o ex-presidente do RCA, sr. Cabrita Neto, saudou representantes de Rotarys estrangeiros (Suíça, Dinamarca, Inglaterra e Alemanha) e portugueses (Lobito, Setúbal, Beja, Caldas da Rainha e Santo Tirso) que estiveram presentes na reunião.

Dentro da ordem dos trabalhos falou-se de uma eventual viagem aos Clubes do Sul de França e da visita, possivelmente no próximo mês, do sr. Embaixador dos Estados Unidos em Lisboa.

Foi palestrante da noite o Dr. Américo Fernandes Carlos, do Rotary Clube de Lobito, que focou vários aspectos da vida de Angola, seguindo-se um animado colóquio com o palestrante. Encerrou a reunião o Presidente Bernardino Ramos.

VENDE-SE

Oito moradias de casas com dois quintais grandes, na travessa dos Oleiros, em Loulé.

Tratar na Rua Eng.º Duarte Pacheco, 103 — Loulé.

A exportação por via rodoviária e nas condições em que hoje se faz, é deficientíssima pois as actuais vias de comunicação são exíguas para um tal tráfego, cuja intensidade atingirá, dentro de

(Continuação na 6.ª página)

Olé!

Rejubilemos! Cantemos! Expandamos a nossa alegria! Vivam as touradas! Viva a festa brava! Que espectáculo dignificante a despedida do nosso herói, o nosso ídolo, Diamantino! Nós, que não passávamos de uns tristes antes do Diamantino. Mas o Diamantino apareceu, e resgatou a nossa honra levantando aos pináculos da glória mundial o nome de Portugal. Viva o Diamantino! Que em cada recanto deste país se erga uma estátua para perpetuar o nosso matador. A despedida do Diamantino constituiu o espectáculo mais convincente como promoção da festa taurina. E o que nós precisamos é de festas. Ah, quando as touradas fizerem parte dos Jogos Olímpicos, vão ver como nos correm as medalhas. Porque isto de touradas é cá connosco, homens de barba rija. E quem sabe se com o exemplo dos matadores, os nossos atletas ganham o gosto ao metal? Não há dúvida! A nossa salvação está nas touradas...

José M. Bota

Quarteira

(Continuação da 1.ª página)

sa que torne o ambiente acolhedor: árvores, vasos com flores, arbustos.

FAZ FALTA OUTRO ESPIGÃO

Foram conseguidos resultados francamente positivos com a construção do espigão. A praia cresceu muito para poente.

... Mas está a diminuir a olhos vistos a nascente do espigão.

Já nem há areia à beira mar. Só rochas e barro que a fúria das ondas continuamente desgasta.

Pensamos que as autoridades estejam atentas ao problema e procurem evitar maiores males.

A N U N C I E
NESTE JORNAL

Aqui e agora

POR NUNO VASCO

* A AUTO ESTRADA DO ALGARVE

Em 29 de Julho de 1972 noticiava o semanário «Folha do Domingo»: «O grupo financeiro BRISA a quem foi adjudicada a construção de várias auto-estradas no centro e norte do país, propôs a construção da auto-estrada do Algarve (Vila Real de Santo António — Lagos) com ligação à auto-estrada espanhola (Sevilha — Cádiz — Huelva — Ayamonte)». E terminava aquele órgão de Imprensa: «Que a proposta seja aceite e os trabalhos não demorem muitos anos são os nossos votos».

Também nós que não somos Fittipaldi nem «acelera algarvio», pensamos que tal via de comunicação resolverá muitíssimos problemas de trânsito no Algarve, até porque, com a construção da ponte luso-espanhola sobre o Guadiana, o movimento vai aumentar — e às tantas o tráfego tornar-se-á um quebra-cabeças para quem não seja apolo-gista do «deixar andar e não te rales».

O Algarve busca os caminhos do futuro. E o tempo não se compadece com os vagares de alguns homens, os quais ainda crêem na ultrapassada história da lebre e sapo concho... Daí, claro, pensarmos que «não demorar muitos anos», em face do que se verifica nas nossas estradas, pode ser ao cabo e ao resto, demorar tempo de mais... Demorar para sempre!